



Podcast Rio Memórias

Ep 4 - A cidade porto

Roteiro

Locução (Gabi)

Locuções adicionais (Rodrigo)

Áudios, ilustrações e efeitos sonoros

Entrevista

Gravações externas

Música

===

[INÍCIO DO EPISÓDIO 4]

[ÁUDIO]

Som de águas calmas na entrada da Baía de Guanabara.

Barco remando lentamente.

O som fica um pouco.

[LOCUÇÃO]

Oi. Hoje a gente começa a nossa viagem dentro de um barco bem pequeno, uma canoa a remo, que vai avançando com calma na entrada da Baía de Guanabara.

[MÚSICA] 1

Tema minimalista para acompanhar a abertura.

[ÁUDIO]

Som do remo na água.

[LOCUÇÃO]



As pessoas que tã dentro do barco acabaram de descer de um navio - porque os navios maiores não conseguem chegar mais perto, a profundidade da Baía não é muito grande. Conforme a canoa vai se aproximando bem devagar, começam a aparecer as casinhas em tom pastel, com os telhados vermelhos. Tudo parece calmo e silencioso. E de vez em quando...

[ÁUDIO]

Som da baleia esguichando água.

[LOCUÇÃO]

... aparece uma ou outra baleia.

[ÁUDIO]

Som de golfinhos nadando.

[LOCUÇÃO]

Ou golfinhos brincando bem perto do barco.

[ÁUDIO]

O som da água fica no fundo das próximas locuções.

[LOCUÇÃO]

A essa altura eu sei que você tá imaginando um cenário bem tranquilo, né? Mas deixa eu só te lembrar que a gente tá no Rio de Janeiro no início do século 19. Então se você olhar em volta enquanto a canoa passa, a visão pode ser a de um convés lotado de jovens africanos com a expressão assustada.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

A nossa passagem pareceu afetá-los muito pouco.

[LOCUÇÃO]

Como nesse relato de um viajante inglês chamado Henry Ellis, que viu um navio com escravizados se aproximando em 1816.



[LOCUÇÃO ADICIONAL]

A maior parte desses seres infelizes estava no convés quase imóvel, embora não percebêssemos que eles tavam acorrentados. Alguns dirigiam pra nós um olhar de aparente indiferença. Outros, com seus braços dobrados, pareciam acabrunhados pela tristeza. E muitos, debruçados na amurada, olhavam pras ilhas verdes da Baía, as montanhas rochosas e toda a exuberância selvagem da paisagem sorridente.

[LOCUÇÃO]

A paisagem era sorridente, mas quem cruzou mais de 6 mil quilômetros dentro de um porão escuro não tinha motivo pra sorrir. E se você ouviu os episódios anteriores, você não vai esquecer que a relação do Rio com o Oceano Atlântico é também uma relação de dor.

[ÁUDIO]

Aqui o som da água vai dando lugar ao som do porto.

[LOCUÇÃO]

Hoje eu quero te guiar sem pressa pelas águas da Baía de Guanabara, até fincar o pé em terra firme. Eu quero que você experimente a chegada, o desembarque, a entrada e a vivência no alvoreço da cidade porto.

[ÁUDIO]

Som do porto.

Caixas empilhadas, pessoas gritando, burburinho, sinos, gaivotas.

[MÚSICA] 1

Virada na música para o tema de abertura.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, e esse é o quarto episódio da temporada Rio Atlântico, inspirada na galeria do nosso museu virtual, em riomemorias.com.br.

[LOCUÇÃO]



Hoje você vai entender o que acontecia em cada ponto de desembarque. Como era essa aproximação? O que era preciso pra atravessar a alfândega? Quais eram os sons, as cores e os aromas de um Rio de Janeiro habitado por quitandeiras, pescadores e uma infinidade de personagens que movimentavam a zona portuária ao longo dos séculos?

[MÚSICA] 1

Deixa a música um tempo, sem pressa.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Na pasta Gravação externa, arquivo “Jamille Praça XV”. O arquivo está pronto, é só encaixar as locuções da Gabi por cima. Deixei alguma sobra no som ambiente entre as locuções da Gabi, se precisar encurtar para ficar no tempo certo]

- Começa a surgir o som ambiente da Praça XV. Fica um pouco.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 1: Terra à vista.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** Olha, ainda bem que eu tô em 2024.

[LOCUÇÃO]

A Jamille Bullé, nossa produtora, tá andando pela Praça XV, no Centro do Rio.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** Porque se fosse na primeira metade do século 19, bem aqui onde eu tô, eu não ia estar andando, eu ia estar nadando.

[LOCUÇÃO]

Quem mora no Rio de Janeiro certamente já passou pela Praça XV - ali onde tem a estação das barcas, onde fica o monumento de D. João VI em cima de um cavalo... localizou? Perto do chafariz do Mestre Valentim. O mar chegava ali pertinho, e a partir de meados do século 18 a zona portuária foi sofrendo vários aterramentos. É literalmente o Rio de Janeiro avançando em direção ao Oceano Atlântico.



[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** A estátua de D. João VI tá por aqui porque foi bem nesse lugar que a família real desembarcou em 1808.

[LOCUÇÃO]

Quem é ouvinte do Rio Memórias vai lembrar que a gente já passou por essa região algumas vezes. E não é por acaso. Durante muito tempo, esse foi o lugar mais importante da cidade. A Jamille já fez a ponte com o presente, e eu vou seguir por aqui enquanto ela vai caminhar pra um outro ponto de desembarque no Centro do Rio. Daqui a pouco ela volta.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** Vai ser coisa de poucos minutos, é bem pertinho. Quando eu chegar lá eu te chamo, Gabi. Enquanto eu vou andando, vocês vão conversando sobre essa região aqui, onde hoje é a Praça XV.

[O som ambiente ainda fica um pouco no fundo das falas e vai sumindo devagar]

[LOCUÇÃO]

Combinado. E a Jamille falou “vocês”, porque, como sempre, eu vou ter uma companhia especial aqui no episódio.

[MARTHA ABREU]

[3:01 a 3:09]

Meu nome é Martha Abreu. Eu sou professora de História, vinculada ao Programa de Pós-Graduação de História da UFF.

[LOCUÇÃO]

A professora Martha também é pesquisadora do CNPq e da Uerj de São Gonçalo.

[MARTHA ABREU]

[2:56 a 3:01]

É muito bom estar aqui também, conversando, tendo essa conversa sobre memórias do Rio de Janeiro.



[LOCUÇÃO]

Obrigada, professora. E já que a gente começou falando da chegada na Baía de Guanabara, é sempre bom reforçar que essa chegada era diferente pra cada grupo de pessoas, né? Um grupo de comerciantes europeus tinha uma percepção quando se aproximava da costa. Um grupo de africanos escravizados tinha outra. E se você passou pelo episódio anterior, você sabe que essas pessoas traziam da África experiências, histórias, memórias...

[MARTHA ABREU]

[13:05 a 13:24]

E aí, sem dúvida, porque por mais que essas pessoas tenham vindo sem nada físico, material, elas vieram com toda uma bagagem espiritual e a memória. A memória é a sobrevivência, é a vida da gente.

[LOCUÇÃO]

Então o primeiro instinto quando um navio que carregava escravizados se aproximava do Rio era o instinto de sobrevivência. Muitos africanos cruzavam o Atlântico acreditando que seriam devorados por gigantes brancos canibais. Não era isso que acontecia, pelo menos não do ponto de vista literal. Mas o destino não reservava nada de agradável. Quando aparecia a paisagem carioca, eles já sabiam que aquele seria um lugar hostil. E eles só teriam uns aos outros pra criar uma comunidade de resistência.

[MARTHA ABREU]

[12:40 a 13:01]

E ela é impressionante. Ela é fundamental para a sobrevivência física e psíquica dessas pessoas que chegaram e vão fazer nessa cidade, vão reconstruir suas vidas numa cidade com pouquíssimas possibilidades de volta...

[LOCUÇÃO]

... e um monte de adversidades e violências que a gente já viu e vai continuar vendo nessa temporada.



[MÚSICA]

Tema de transição para acompanhar as locuções.

[LOCUÇÃO]

Por outro lado, quem vinha da Europa, da Ásia ou de outros pontos das Américas tinha perspectivas bem diferentes na chegada ao Cais do Porto. Era acima de tudo uma oportunidade. Oportunidade de fazer negócios, de ganhar dinheiro, de viver uma vida nova.

[ÁUDIO]

Volta o som da água, da canoa se aproximando.

[LOCUÇÃO]

Aquela imensidão de embarcações a vela ancoradas na entrada da cidade, cada uma vindo de um canto do planeta... era um cenário que deixava muito evidente: o porto ligava o Rio de Janeiro ao mundo. Por ali chegavam pessoas, mercadorias e ideias pra abastecer o lugar que se tornou a capital da América portuguesa em meados do século 18. E por ali também **saíam** produtos de outros lugares do Brasil. Produtos como o café, por exemplo, que percorria longos caminhos país adentro até chegar no porto, antes de cruzar o Atlântico.

[ÁUDIO]

Som de navio de madeira na água.

[LOCUÇÃO]

Sem contar que a Baía de Guanabara é uma área extensa, então diariamente dezenas de barcos carregavam pessoas de uma ponta à outra da cidade.

[ÁUDIO]

Continua o som da água, mas agora crescendo um burburinho de pessoas.

[LOCUÇÃO]

Aliás, não só pessoas.



[ÁUDIO]

Som de cavalo relinchando, batendo as patas na água, água espirrando.

[LOCUÇÃO]

Uma ilustração do Jean-Baptiste Debret mostra quatro homens tentando embarcar um cavalo na beira da praia, o barco de madeira quase virando, e dois outros cavalos já posicionados lá dentro. Tem até um cachorrinho observando a cena em cima da rampa. E ao fundo dá pra ver vários outros barcos com homens carregando mercadorias no píer.

[ÁUDIO]

Mais som de cavalos e água.

[LOCUÇÃO]

O Debret diz na descrição da imagem que os cavalos seriam levados pra Praia Grande, em Niterói, quando D. João VI se instalou por lá no fim da década de 1810. A região do Cais do Porto ficou muito movimentada a partir de 1808, quando a família real chegou no Brasil fugindo das tropas do Napoleão Bonaparte, que tinham invadido Lisboa. O desembarque foi bem ali onde a Jamille passou, onde fica a estátua de D. João. Com a abertura dos portos naquele ano, a zona portuária do Rio cresceu numa velocidade assustadora. E olha que a área onde hoje é a Praça XV não era o único lugar de entrada pra quem cruzava o Atlântico.

[MÚSICA]

Fim da música.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Na pasta Gravação externa, arquivo “Jamille Mosteiro”. O arquivo está pronto]

- Som ambiente do Mosteiro de São Bento.

[LOCUÇÃO]

Eu acho que a Jamille já chegou em outro ponto de desembarque.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]



- **Jamille:** Gabi, eu tô em uma das construções mais antigas do Rio de Janeiro.

[LOCUÇÃO]

É, e dessa vez cê teve que subir um morro, né?

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** Aqui do alto não dá pra ver a Baía de Guanabara só porque tem uma vegetação no entorno, que acaba escondendo, mas a gente tá bem pertinho da Baía.

[LOCUÇÃO]

A Jamille tá no Mosteiro de São Bento. Pra quem não é do Rio ou não sabe onde fica, o Morro de São Bento é bem pertinho do Museu do Amanhã. E saindo da Praça XV dá uns 15 minutos andando. O mosteiro foi erguido em meados do século 17, e funciona até hoje. As duas torres da construção sempre fizeram parte da visão de quem chegava pela Baía de Guanabara.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** E olha que teve um tempo que o mar chegava ainda mais perto do mosteiro.

[O som ambiente fica no fundo das falas e vai sumindo devagar]

[LOCUÇÃO]

É, ali em meados do século 19 alguns aterramentos ampliaram um pouquinho a faixa de terra. Esse lugar era um ponto muito disputado de desembarque e de transporte interno. Ficava ali um porto conhecido como Praia dos Mineiros.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Quando chegamos ao ponto onde íamos tomar a embarcação, fomos assaltados por cerca de cinquenta barqueiros, em tremenda concorrência, oferecendo botes ou canoas, e enaltecendo os seus serviços: todos reclamavam preferência e alardeavam a superioridade dos seus barcos.

[LOCUÇÃO]



Esse é um relato do missionário norte-americano Daniel Kidder, que passou pelo Brasil duas vezes na metade do século 19 e fez esse registro sobre a agitação na Praia dos Mineiros. Enquanto a Jamille desce o morro de São Bento e já vai caminhando pra outro porto muito relevante, escuta aí mais um trechinho do relato sobre os escravos de ganho que trabalhavam como barqueiros.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Esses homens pertencem à numerosa classe de escravos empregados no transporte de passageiros no interior da baía. Dão-lhes botes e canoas pelos quais ficam pessoalmente responsáveis, assumindo perante seus senhores a obrigação de pagar certa diária. É, portanto, perfeitamente explicável a ansiedade que demonstram em obter passageiros; não trabalham apenas para ganhar a vida, mas ainda para escapar ao castigo que lhes está reservado caso não consigam entregar aos seus senhores a parcela estipulada.

[LOCUÇÃO]

Aliás, se você quer **visualizar** essa cena em vez de só ouvir, eu quero te convidar pra ir até a nossa galeria Rio Atlântico, em riomemorias.com.br. Lá tem uma ilustração feita na década de 1820 pelo alemão Johan Moritz Rugendas, chamada “Porto da Praia dos Mineiros no Rio de Janeiro”. A imagem mostra duas canoas conduzidas por escravizados, e o que parece ser algum tipo de discussão entre um comerciante e as autoridades locais. Lá no fundo da imagem, se você prestar atenção, você vai ver as casinhas com os telhados vermelhos. E, claro, as duas torres do Mosteiro de São Bento.

[MÚSICA]

Tema de transição para acompanhar as locuções.

Tem que ser um tema sóbrio, porque vamos começar a falar do Cais do Valongo.

E o ideal é que seja um tema sem percussão, porque o som ambiente tem uma percussão o tempo todo.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Na pasta Gravação externa, arquivo “Jamille Valongo parte 1”. O arquivo está pronto]



- O som do batuque vai surgindo junto com a música e fica no fundo da locução.

[LOCUÇÃO]

A próxima parada da Jamille é num lugar bem perto de onde ficava a Praia dos Mineiros. E ela tá caminhando por toda essa região costeira que era chamada de Prainha. Descendo do Morro de São Bento, passando pela Praça Mauá, e pegando a Rua Venezuela até chegar na Avenida Barão de Tefé.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** Gabi, hoje é um dia de muito calor no Rio, e eu tô chegando aqui na última parada dessa minha caminhada.

[LOCUÇÃO]

Um lugar muito importante pra história do Rio de Janeiro e do Brasil. Um lugar que a gente já visitou aqui no Rio Memórias.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** Eu tô agora no Cais do Valongo. E você teve estar ouvindo aí ao fundo o pessoal da Casa da Tia Ciata fazendo uma oficina de dança africana.

[O batuque fica no fundo da locução e vai sumindo devagar]

[LOCUÇÃO]

Eu sei que a gente tem um episódio inteiro sobre o Valongo, na segunda temporada. Mas não dava pra não passar por ali hoje, já que a gente tá falando do Rio como cidade porto. Foi esse porto que recebeu a maior quantidade de africanos escravizados nas Américas.

[MARTHA ABREU]

[19:04 a 19:52]

O tráfico e a chegada no Valongo, o Valongo é um dos lugares, o maior local de chegada africana, de africanos, nas Américas, no Atlântico, isso é impressionante, né? Calcula-se que mais de um milhão de africanos chegaram entre o final do século 18 e 1831 quando é assinado, 1830, quando é assinado esse primeiro acordo com a Inglaterra.



[LOCUÇÃO]

O tráfico transatlântico de escravizados foi proibido por esse acordo, mas continuou de forma clandestina nas duas décadas seguintes. A construção do ancoradouro no Cais do Valongo foi em 1811, mas antes disso já havia desembarque por ali, numa estrutura mais improvisada, desde o fim do século 18, como disse a professora Martha. E você lembra, lá no início do episódio, a descrição do viajante inglês que viu os jovens negros no convés de um navio?

[MARTHA ABREU]

[20:45 a 21:01]

Depois até vão chegar mais jovens, quando eu digo mais jovens, entre 12 e 18 anos, mas quem está chegando no Valongo deve ter entre 20 e 30 anos. São muito jovens, mulheres e jovens, não é, que são arrancados nessa violência.

[21:05 a 21:15]

E aí eu acho que é importante também nessa área do Valongo, que é uma área que hoje se tornou um símbolo para a gente contar essa história, para a gente não esquecer.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Na pasta Gravação externa, arquivo “Jamille Valongo parte 2”. O arquivo está pronto]

- Batuque no Cais do Valongo (pode ir surgindo na fala anterior da Martha)

[LOCUÇÃO]

Por isso esse lugar de desembarque, ali na Avenida Barão de Tefé, entre as ruas Sacadura Cabral e Coelho e Castro, recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Fica um pouquinho o batuque.

[LOCUÇÃO]

É nesse lugar que a Jamille tá agora.



[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** Esse lugar hoje é um sítio arqueológico, que foi descoberto em 2011, na obra de revitalização aqui da zona portuária.

[O batuque segue no fundo, é só encaixar as próximas falas]

[LOCUÇÃO]

Durante as escavações, foi encontrada uma grande quantidade de objetos originários do Congo, de Angola e de Moçambique.

[MARTHA ABREU]

[28:23 a 28:43]

Muitos até conseguiam trazer um amuleto, um fetiche, os trabalhos arqueológicos do Valongo têm mostrado que eles conseguiam trazer algum colar, alguma coisa que lembrasse o tempo ou que fosse uma peça religiosa.

[LOCUÇÃO]

Muitas dessas peças foram encontradas, assim como o registro de que ali ficava não só o Cais do Valongo, mas um outro cais construído por cima dele e batizado em 1843 como Cais da Imperatriz. Era uma estrutura preparada pra receber a última imperatriz consorte do Brasil, Tereza Cristina, prometida ao imperador D. Pedro II. Essa área hoje tá preservada e vai de uma esquina até a outra.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- **Jamille:** É uma área a céu aberto, cercada por uma grade, e na parte interna ficam os degraus e o piso de pedra. Sempre tem muita gente circulando por aqui, e nem todo mundo percebe que tá passando por um lugar tão importante. Mas as iniciativas como essa da Casa da Tia Ciata mostram que esse local também é uma área de preservação de memória.

[LOCUÇÃO]

Obrigada, Jamille. E adorei que você conseguiu captar o batuque da oficina.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]



- **Jamille:** E as oficinas rolam toda sexta-feira, viu, todo mundo pode participar.
[o batuque fica até o fim, sumindo no fundo da locução]

[LOCUÇÃO]

Combinado, fica a dica. O legado da Tia Ciata tá presente nessa região até hoje. A sambista, quitandeira e mãe de santo Hilária Batista de Almeida foi a mais conhecida das tias baianas que se tornaram símbolos de resistência cultural do povo preto na região hoje conhecida como Pequena África. Nascida em 1854 em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, ela se mudou pro Rio de Janeiro aos 22 anos. A casa dela, na Praça Onze, ficou famosa pelas festas que reuniam os pioneiros do samba. A memória tá preservada com uma exposição permanente no centro cultural Casa da Tia Ciata, que fica na Rua Camerino, número 5. Vale a sua visita.

[MÚSICA]

Tema de transição de capítulo.
A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO]

Falando em visita, você reparou que todos esses pontos que a Jamille visitou são áreas que passaram por aterramentos? Ou seja, ao longo dos séculos o mapa da cidade foi avançando pra dentro da Baía de Guanabara. E agora que a gente já passou pelos pontos mais relevantes, tá na hora de saber o que acontecia na chegada propriamente dita. Porque antes de entrar na cidade porto, era preciso encarar um processo rigoroso pra registrar tudo que era considerado mercadoria. Tudo mesmo. Inclusive pessoas.

[MÚSICA]

Virada na música.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 2: A alfândega.

[ÁUDIO]

Som do porto.



Som calmo de água batendo na estrutura de pedras.

[MÚSICA]

A música fica um pouco.

Depois acompanha a primeira locução.

[LOCUÇÃO]

O Rugendas, que a gente citou ainda há pouco, também produziu uma imagem muito conhecida mostrando uma pequena embarcação atracada bem na entrada marítima da Alfândega. Dá pra ver um marinheiro negro conduzindo o barco, e alguns escravizados com as cabeças raspadas, subindo pra uma estrutura onde era feito o controle aduaneiro.

[MARTHA ABREU]

[33:19 a 33:21]

Todos passavam pela aduana.

[33:27 a 33:42]

Todos eram registrados passando pelas agências de controle, tem que registrar. Por isso que a gente hoje sabe quantos entraram, os navios que chegaram, porque havia todo esse registro no porto.

[LOCUÇÃO]

Na imagem também aparecem os capatazes, os traficantes de escravizados, e dois oficiais alfandegários usando chapéus. Um tá de pé, e outro tá sentado de frente pra uma mesa onde era feito o registro.

[ÁUDIO]

Continua o som da água ao fundo.

Som de pessoas caminhando.

Som de homem escrevendo no papel com pena.

[LOCUÇÃO]

Primeiro as autoridades da Alfândega faziam uma contagem dividindo as pessoas por sexo. Os traficantes tinham que pagar imposto pra cada escravizado acima de



três anos de idade. E até os menores de três anos eram registrados: os bebês como “crias de peito”, e os que já andavam como “crias de pé”. Como a professora Martha já disse, muitos africanos que chegavam na Baía de Guanabara eram jovens ou adolescentes. A ilustração do Rugendas mostra africanos bem jovens.

[ÁUDIO]

Fim do som do homem escrevendo no papel.

Continua o burburinho do porto.

[LOCUÇÃO]

Com o imposto pago e o registro feito, os escravizados, ou as “peças”, como eles eram chamados, podiam atravessar a Alfândega. Alguns eram levados pra um armazém ali perto, pra serem vendidos. Outros, que tavam mais debilitados, passavam por um período de quarentena no lazareto.

[MÚSICA]

Tema para acompanhar as locuções.

[ÁUDIO]

Segue o som do porto, que vai sumindo aos poucos no fundo das três locuções.

[LOCUÇÃO]

A Alfândega já existia no Rio desde o século 16, criada como um setor da Provedoria da Fazenda Real em 1566. Ao longo do tempo ela foi ganhando mais relevância como um símbolo da conexão entre o poder administrativo local e a Coroa Portuguesa. Até porque o recolhimento de impostos era uma grande fonte de riqueza governamental.

[LOCUÇÃO]

O processo com os escravizados se aplicava também às mercadorias que chegavam pelo Atlântico. A partir do século 19, com a transferência da corte pro Rio de Janeiro, a cidade passou por uma transformação enorme e virou um mercado consumidor muito expressivo. Havia uma grande demanda dos novos moradores por produtos industrializados, que vinham de outros países.



[LOCUÇÃO]

Aí a função da aduana era identificar objetos, descrever, registrar as quantidades e estabelecer os valores. Resultado: os armazéns na região da Alfândega começaram a ficar pequenos pra tanta coisa que chegava pelo mar. Era assim no porto da atual Praça XV, era assim no entorno do Cais do Valongo.

[MARTHA ABREU]

[5:02 a 5:36]

Na medida que o porto e a cidade, como cidade atlântica, a maior cidade atlântica, vai crescendo, a expansão para essa área que hoje a gente conhece como porto a partir ali da Praça Mauá, mas a área foi inicialmente... Quer dizer, ela sempre teve um movimento de pescadores, de um pequeno comércio, mas a partir da mudança do local...

[5:42 a 5:49]

... da mudança da área da chegada de africanos para o Valongo...

[6:04 a 6:19]

... aquela área começa a centralizar uma série de atividades para a recepção desses africanos. Você percebe, se já estão precisando de um outro local para a chegada de africanos, porque esse volume vai aumentar.

[6:36 a 6:46]

E aquela área passa a ser muito movimentada, porque na medida que os africanos chegam, eles têm que ser recebidos. Você passa a ter uma economia que gira em torno...

[6:51 a 7:03]

... mas é também um local de muitas trocas, porque também na medida que estão chegando africanos, por ali também vai ter todo o comércio do café, a maior riqueza do século 19.

[LOCUÇÃO]

Tudo isso passando pela Alfândega não só na chegada, mas também na saída.

[MARTHA ABREU]

[7:08 a 7:51]



As atividades do porto que envolvem a chegada do café, porque o café chega e ele sai. E aí todo esse sistema de transporte é fundamental ali na região, por isso que a gente vai ter várias companhias, vários pequenos negócios do transporte das carretas, consertar navios, consertar carretas, o transporte dos sacos, ensacamento, madeireiras, oficinas. Passa a ser uma área muitíssimo movimentada.

[8:44 a 9:15]

Então você tem um movimento de muitos negócios, e aí como o trabalho no Brasil é fundamentalmente baseado no trabalho escravo, a presença de africanos escravizados é enorme ali na região. E esse trânsito, aí a gente começa a pensar, onde eles moravam? Eles estão trabalhando ali. Onde eles moravam? Como eles dormiam? Onde eles comiam? Onde eles se encontravam?

[MÚSICA]

Tema de transição de capítulo.

Começa minimalista acompanhando as locuções e a entrevista.

[LOCUÇÃO]

É a cidade porto como um espaço ocupado pela população negra, e não só pelos escravizados, mas pelos negros livres e libertos que trabalhavam e circulavam por ali.

[MARTHA ABREU]

[14:54 a 15:30]

A liberdade no Rio de Janeiro no século 19 é negra. E é por isso que a gente vai encontrar nessa área do Porto pessoas negras que têm casas, seus pequenos negócios ou vão morar em casas coletivas, exercendo a sua liberdade de ir e vir. E os escravizados se confundem também com essa população livre ou liberta, negra. E, sem dúvida nenhuma, transforma essa cidade do Rio de Janeiro numa pequena África.

[16:07 a 16:19]

A ideia dessa utopia de uma África em miniatura ou uma África pequena ela expressa muito bem o que que essa população africana escravizada fez na região.

[LOCUÇÃO]



A população negra que trabalha na cidade porto, seja conduzindo barcos pela Baía de Guanabara, ou cumprindo funções no embarque e desembarque de mercadorias... é essa população que vai definir a dinâmica da zona portuária carioca ao longo dos séculos. Se a gente já entendeu como era a chegada nos pontos de entrada, e como era a passagem pela Alfândega, chegou a hora de finalmente entrar no Rio de Janeiro pra perceber esses sons, esses aromas, essas cores.

[MÚSICA]

Virada na música para a transição de capítulo.

[ÁUDIO]

Som do burburinho da cidade.
Carruagem passando.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 3: O lugar onde tudo acontece.

[ÁUDIO]

Entra o som de alguém enchendo um tonel de água.

[LOCUÇÃO]

Eu quero que você se imagine no coração do Rio de Janeiro ali na virada do século 18 pro 19. Naquela região por onde a gente passou no começo do episódio, o Cais do Porto da atual Praça XV. Ali pertinho fica o chafariz do Mestre Valentim, que na época era fundamental pro abastecimento de água na cidade.

[ÁUDIO]

Som de alguém enchendo um tonel de água.

[LOCUÇÃO]

Aliás, cuidado pra ninguém esbarrar em você, porque o movimento ali é intenso. Toda hora chega um marinheiro pra encher um tonel de água, colocar numa canoa e levar até alguma embarcação que não conseguiu atracar mais perto. E o abastecimento de água não era só pros navios, era pra várias partes da cidade.



[MARTHA ABREU]

[39:21 a 39:31]

Imagina a confusão que é. E quem vai tirar? São as mulheres, são os homens escravizados, libertos, que vão lá pegar a água e levar pras casas onde eles trabalham.

[ÁUDIO]

O som ambiente do porto continua no fundo das falas.

[LOCUÇÃO]

Inaugurado em 1789, o chafariz do Mestre Valentim substituiu outro chafariz que tava ali desde 1747. E ele tinha uma função que ia além de fornecer água: era o grande ponto de encontro da população carioca. O Debret tem uma obra que mostra essa região, já no século 19, lotada de gente: mulheres e homens negros, trabalhadores carregando tonéis de água, pessoas descansando à beira mar, comerciantes vendendo suas mercadorias... todo mundo circulava por ali.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Por volta das quatro horas da tarde se veem os pequenos capitalistas chegarem de todas as ruas adjacentes, para se sentarem nos parapeitos do cais, onde têm o costume de vir sentir a brisa fresca até a hora da Ave Maria. Em menos de meia hora todos os lugares estão tomados.

[LOCUÇÃO]

E tinha uma categoria que aproveitava muito bem essa movimentação: as quitandeiras.

[MARTHA ABREU]

[38:33 a 38:37]

Os chafarizes é onde essas quitandeiras também ficam.

[LOCUÇÃO]



Do fim do século 18 até meados do 19, uma das atividades comerciais mais praticadas no Rio era a das quitandeiras. Elas já existiam antes, e na virada do século já eram mais de 300 espalhadas pela cidade, muitas ali na zona portuária, abastecendo todo mundo: os traficantes de escravizados que desembarcavam no cais, os escravocratas que tavam ali atrás de mão-de-obra, as autoridades que trabalhavam na região...

[MARTHA ABREU]

[35:24 a 35:45]

As quitandeiras negras estão na cidade inteira, na cidade do Rio de Janeiro inteira, não só ali, inclusive no mercado, a gente tinha esse mercado da Praça XV, elas ocupam, apesar de ser dominado por homens brancos, elas ocupam várias barracas do mercado, tem também o mercado da Harmonia, tem outros mercados.

[LOCUÇÃO]

Essas mulheres conheciam como ninguém as ruas, os caminhos e os hábitos do Rio. Elas se tornaram personagens centrais no funcionamento da cidade.

[MARTHA ABREU]

[35:56 a 36:26]

E elas são lideranças, lideranças religiosas, lideranças culturais e que estruturam muito as referências dessa comunidade, e elas também ganham dinheiro, muitas delas acumularam um belo dinheiro, compraram as suas liberdades, compraram a liberdade de parentes, davam a liberdade. Elas têm uma importância dentro da comunidade negra.

[MÚSICA]

Tema de transição.

[LOCUÇÃO]

Enquanto você pensa nas quitandeiras, eu quero que você tente imaginar não só o cenário onde elas trabalhavam e os sons dessa movimentação, mas também os aromas. O cheiro da comida, das frutas, dos peixes que eram vendidos ali.



[ÁUDIO]

Sobe o som do burburinho da cidade.

[LOCUÇÃO]

Conforme esses vendedores e vendedoras foram ampliando as suas redes de influência, é claro que o poder público ligou um sinal de alerta, né? Quem regulava todo o funcionamento da capital era a Câmara dos Vereadores, por meio de um código de posturas.

[MARTHA ABREU]

[38:07 a 38:27]

E ali que se regula tudo, barraca que pode montar, que não pode, festa que vai ter, que não vai ter, licença... É a Câmara que dá a licença pra as pessoas trabalharem, pra as pessoas se movimentarem, pra montar qualquer coisa. Vai ter festa, vai botar uma barraca, vai ter fogos, não vai ter...

[LOCUÇÃO]

Ainda no século 17, a Câmara já tinha tentado apertar o cerco ao trabalho das quitadeiras e dos peixeiros na zona portuária. A ideia era que eles ficassem separados: as quitadeiras ficariam na Sé, e os peixeiros iriam pra Praia do Peixe, na altura da Candelária. Mas como toda tentativa de opressão também gera resistência, não deu muito certo. Os vendedores continuaram operando em diversos lugares.

[ÁUDIO]

Som de canoa remando na Baía de Guanabara.

[LOCUÇÃO]

Inclusive no mar. Existia na época a figura do quitandeiro de balsa, que ia remando até os navios maiores e vendia comida pra quem não conseguia desembarcar. Era mais uma dessas figuras muito comuns no meio de tantos trabalhadores que faziam o porto funcionar. E falando em trabalhadores do porto, não dá pra esquecer uma categoria crucial: os estivadores.



[MARTHA ABREU]

[43:51 a 44:27]

É importante a gente pensar nessa ebulição política no Porto, sabe? A Praça dos Estivadores é central, entre a Praça Mauá e a Estrada de Ferro, e você vê o nome Praça dos Estivadores, então o local que os estivadores, a maior parte negra, tem uma força política muito grande e pressionavam deputados vereadores pra atender às suas demandas e a sua presença na cidade do Rio de Janeiro.

[24:08 a 24:23]

Os maiores sindicatos de estivadores são fundados pela população negra, por esses trabalhadores negros libertos, livres, descendentes de africanos como o sindicato Resistência, fundado em 1905.

[LOCUÇÃO]

Os estivadores negros lutam o tempo inteiro por melhores condições de trabalho...

[MARTHA ABREU]

[24:45 a 25:07]

E conseguem! Eles param a cidade do Rio de Janeiro algumas vezes, imagina o sindicato negro parando o movimento do porto? Imagina o entupimento que foi aquilo ali não chega mais nada, ninguém mais tira mais café, ninguém mais manda café para fora, para tudo, não tem carroça que vá lá na estrada de ferro pegar as... para! Para conseguir melhorar as condições de trabalho.

[MÚSICA]

Último tema de transição.

Depois vai virar o tema de encerramento.

[LOCUÇÃO]

Acho que você percebeu ao longo do episódio que não dá pra entender a dinâmica da cidade porto sem falar da população negra do Rio de Janeiro.

[MARTHA ABREU]

[10:31 a 10:35]

E aí os Zungus são fundamentais, porque eles são um local de encontro.



[LOCUÇÃO]

Pois é, os zungus, que a gente já visitou lá no início da temporada, lembra?

[MARTHA ABREU]

[10:49 a 11:20]

E aí todo mundo se encontra, conversa, arranja namorada, ou briga, ou planeja fuga, ou combina uma festa em algum outro lugar, ou troca oportunidade de trabalho, de dinheiro. Então é um mundo que acontece nos Zungus. E também é um local onde várias diferentes procedências de africanos se encontram e estabelecem laços muito importantes de solidariedade.

[LOCUÇÃO]

Nas casas, nas ruas, na beira do cais, os africanos e os seus descendentes foram se unindo e se reinventando.

[MARTHA ABREU]

[22:21 a 22:35]

Esses locais de encontro, onde além da comida você tem também as trocas religiosas, a fundação dos primeiros associações religiosas estão nessa região do Porto, porque é onde estão os trabalhadores, é onde eles moram.

[11:34 a 11:49]

Essa cidade negra não é só no Porto, é em toda a cidade do Rio de Janeiro. Mas ali, como é um lugar de atração, de trabalho, sem dúvida nenhuma, reúne muita gente.

[LOCUÇÃO]

Você, que costuma circular pela zona portuária do Rio hoje em dia, ou até você, que nunca passou por ali: deu pra imaginar como era esse lugar dois, três, quatro séculos atrás? Acho que a nossa jornada de hoje só confirma uma certeza que tem atravessado essa temporada: o Oceano Atlântico não só separa o Rio da África. Ele também une as duas margens.

[MARTHA ABREU]

[25:10 a 25:18]



Então, essa população afro-brasileira no porto... ela é fundamental para a gente contar a história do Brasil.

[MÚSICA]

Virada para o tema de encerramento.

A música fica um pouco.

[ÁUDIO]

Som do mar.

[LOCUÇÃO]

Eu quero agradecer à professora Martha Abreu por ter ajudado a gente a explorar os portos do Rio de Janeiro. E quero te convidar pra pegar o caminho de volta no próximo episódio. Porque a gente vai conhecer histórias de africanos e africanas que fizeram a travessia de maneira forçada, mas deram um jeito de voltar pra casa.

[ÁUDIO]

Som de navio de madeira no mar.

[MÚSICA]

Fica a música.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, historiadora e apresentadora do podcast Rio Memórias. Se você quiser se aprofundar mais nesse conteúdo, eu te convido a navegar pela galeria Rio Atlântico, no nosso museu virtual em riomemorias.com.br.

[LOCUÇÃO]

A realização do podcast é da produtora Escuta Aqui, com coordenação e roteiros do Rodrigo Alves, que também grava as locuções adicionais. O Thales Ramos faz a supervisão dos roteiros.

[LOCUÇÃO]



Hoje você ouviu bastante os sons do Rio Antigo. Quem cria essas sonorizações e esses ambientes sonoros é a Clara Costa, responsável pela edição e pela montagem dos episódios. A assistente de edição é a Giovanna Orsini.

[LOCUÇÃO]

Mas você também ouviu os sons atuais da zona portuária, captados pela Jamille Bullé, a nossa produtora. Também foi a Jamille que gravou a entrevista com a Martha Abreu no Estúdio Rastro, com a supervisão técnica do Danny Dee. As minhas locuções são gravadas no estúdio Frango no Bafo, em Belo Horizonte.

[LOCUÇÃO]

A pesquisa do podcast é do historiador Davi Aroeira. E as músicas que você ouve são composições originais do Gabriel Falcão.

[LOCUÇÃO]

Se você tá curtindo a temporada, conta pra gente no instagram, @riomemorias. E se você ouve no Spotify, avalia a gente com as estrelinhas e deixa um comentário aí no aplicativo. Obrigada, e até mais!

[PATROCINADORES]

Essa temporada do podcast é patrocinada pelo Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, e pelas empresas Norsul, Modal, Impulso e Kasznar Leonardos. Até o próximo episódio!

[FIM DO EPISÓDIO]